

O verdadeiro peso da dívida brasileira

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O custo da dívida externa para o Brasil, desde 1982, tem sido o dobro do que aparece na contabilidade. A afirmação foi feita ontem pelo cônsul do Brasil em Nova York, embaixador Carlos Augusto Santos Neves, no encerramento do seminário "Brasil: a comprehensive look", que a Universidade de Columbia e a Universidade de Nova York realizaram em conjunto desde segunda-feira.

"O peso da dívida externa que geralmente se contabiliza são os 4 ou 5% do PIB que o Brasil tem transferido anualmente para o exterior. Em relação à década anterior, porém, poucos se lembram que o Brasil recebia anualmente cerca de 4% do PIB em novos empréstimos", observou o embaixador. "Desde 1982 o sistema financeiro internacional se fechou para nós. Com isso, a conta que estamos pagando é na realidade o dobro do que os números mostram."

Ele acrescentou que a conta se torna ainda mais alta quando se somam outras transferências ao pagamento de juros e à perda de dinheiro novo. Como exemplos, citou a repatriação de capital em grande escala e a aplicação de in-

vestimentos brasileiros no exterior — o que os banqueiros chamam de fuga de capital quando o dinheiro sai da América Latina.

AJUSTES

A dívida externa, para Santos Neves, obrigou o País a fazer três tipos de ajuste. O primeiro, da balança comercial, a seu ver foi resolvido: o Brasil tem produzido sucessivos superávits comerciais desde a crise de 1982. No ano passado, gerou o terceiro superávit do mundo, abaixo apenas do Japão e da Alemanha.

O segundo, a questão dos investimentos e do consumo internos, teve uma solução "que não é satisfatória mas é razoável", argumenta. "Não é satisfatória porque o nível de investimento está menor do que poderia ser, e porque o nível de consumo baixou muito. Mas ainda assim isso está sendo acomodado."

E apenas no terceiro ajuste que o Brasil tem encontrado dificuldades até agora insuperáveis, em sua descrição. "O ajuste financeiro interno é que se tem mostrado o mais difícil. A produção dos excedentes na balança comercial produz reflexos internos que tornam o ajuste fiscal e financeiro praticamente inviável", lamentou.

O cônsul brasileiro lembrou depois que a dívida pode ser perdoada com lucros para os Estados Unidos.

Citou o argumento de John Maynard Keynes depois da Primeira Guerra Mundial, quando o grande economista inglês notou que em cada dólar que os Estados Unidos recebiam da Alemanha e dos aliados perdiam dois dólares.

Keynes sustentou a tese de que, para receber a dívida europeia, os Estados Unidos precisavam importar produtos europeus para que eles fizessem o superávit comercial que viabilizaria o pagamento. Com isso, importavam mais do que precisavam, e deprimiam sua indústria. Perdiam dólares porque sua própria produção estava diminuindo, e perdiam mais dólares porque deixavam de exportar seus produtos.

Santos Neves concluiu dizendo que os países do Terceiro Mundo aguardam com atenção os desdobramentos do Plano Brady, que propõe uma redução no serviço e ou no principal da dívida externa, "especialmente na corrente negociação entre o México e os bancos comerciais, que vai sinalizar o que se pode esperar de positivo no futuro próximo".